

Brasil é mau pagador, diz estudo

Tão cedo o País não participará do Plano Brady, prevê corretora

REGIS NESTROVSKI
Especial para o Estado

NOVA YORK — O Brasil é um mau devedor, não cumpriu nenhuma das exigências do Fundo Monetário Internacional (FMI) e, por isso, não se beneficiará do Plano Brady de redução da dívida tão cedo. Essa é uma das conclusões do estudo sobre dívida externa no mercado secundário de Nova York divulgado pela corretora Shearson Lehman Hutton. A companhia integra o grupo American Express e seu trabalho traz uma análise, em forma de cartilha, das dívidas dos maiores países latino-americanos e dos comunistas europeus.

"As atitudes em relação ao Brasil e à Argentina são sóbrias, mas nenhum dos dois países receberá algo similar ao que teve o México", diz o estudo. Segundo o analista Ken Hoffman, autor da análise, no caso do Brasil ainda há a agravante política: "O Brasil não fez nenhuma reforma econômica. Não fez nada do que lhe foi recomendado pelo secretário do Tesouro, Nicholas Brady, ou pelo

subsecretário, David Mulford. A única vantagem do Brasil é que é um país muito grande para ser ignorado".

Hoffman ressaltou que seu país tentou convencer o Brasil a adotar uma política fiscal mais responsável, sem resultado. Ele não espera mudanças antes da eleição do novo presidente e diz que, entre os candidatos à Presidência, o mais realista e pragmático parece ser Fernando Collor de Mello, e o pior, Luís Inácio Lula da Silva.

MELHORA

A dívida brasileira está sendo vendida a 30% do seu valor de face em Nova York, ou seja, cada dólar de título brasileiro é vendido a US\$ 0,3. Em comparação com a Argentina, por exemplo, não é um valor tão ruim. A dívida argentina está sendo vendida por 20% de seu valor de face. Apesar disso, a Shearson espera uma melhora:

"Duas privatizações deverão ocorrer em pouco tempo na Argentina, por meio até do mecanismo de conversão da dívida externa. Por isso, a demanda de títulos da dívida argentina chegou a US\$ 100 milhões no mercado", indica o estudo.

Depois do acordo com os bancos, a dívida mexicana está sendo vendida por 44% do seu valor. O Chile tem sua dívida cotada a 65%, mas esse índice deve cair com a chegada das eleições. Na Colômbia, o índice chega a 68%. A Polônia tem os títulos vendidos a 38% do valor, apesar das reformas políticas. "A maioria são bancos europeus. Os americanos e japoneses não demonstram interesse pela Polônia", diz o estudo. O valor mais baixo é o da dívida do Peru, vendida a cinco centavos de dólar, mas os títulos desapareceram do mercado secundário de Nova York.